

## **O ESPAÇO LITERÁRIO: APONTAMENTOS PARA O DIÁLOGO ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA**

El espacio literario: notas para el diálogo entre la geografía y la literatura

The literary space: notes for the dialogue between geography and literature

### **Robinson Santos Pinheiro**

Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG)  
Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais (LABOTER) -  
instituto de estudos sócio-ambientais (IESA)/UFG.  
Professor Substituto de Geografia Política e Geopolítica do IESA/UFG  
e-mail: robinson22pinheiro@yahoo.com.br

### **Resumo**

Aqui se fomentará a discussão sobre o ato criador do artista, destacando como os elementos espaciais muito interferem na criação artística. Cabe ressaltar que no momento em que o artista se pauta em sua realidade vivida para criar, o mesmo finge/inventa sua espacialidade, criando e recriando o espaço em sua obra. Por fim, destaca-se que a geografia pode se enriquecer com a linguagem literária através do diálogo, pois pensará/significará/compreenderá o espaço a partir das formas com que os indivíduos significam a espacialidade durante suas relações hodiernas.

Palavras-chave: Linguagens; Literatura; Geografia.



## Abstract

This text will incite a discussion about creative act of the artist, highlighting how do the spatial elements interfere with the moment of creation. It is important to emphasize that at the moment that the artist is based on his lived reality to create, he pretends / invents spatiality, creating and recreating the space in his art. Finally, it is emphasized that geography can be enriched by the literary language from the dialogue because will think/mean/understand the space from the ways in which people mean the spatiality during today's relations.

Keywords: Languages; Literature; Geography.

## Resumen

Este trabajo impulsará un debate sobre el acto creativo del artista, poniendo cómo los elementos espaciales interferir en el momento mismo de la creación, por su parte, al mismo tiempo que el artista se guía en su realidad vivida para crear o mismo inventar su espacialidad, creando y recreando el espacio en su obra. Por ultimo, cabe señalar que la geografía puede ser enriquecida por el lenguaje literario, ya que pensará / media / entender el espacio por formas en que los individuos significa la espacialidad de las relaciones diarias.

Palabras clave: Lenguajes; Literatura; Geografía.



## Introdução

*Se a literatura é linguagem descontextualizada, cortada de outras funções e propósitos é também, ela própria, um contexto, que promove ou suscita tipos especiais de atenção (CULLER, 1999, p. 32).*

A discussão que apresentamos tem suas bases teóricas/metodológicas no que comumente passou a ser denominado como crise paradigmática. Esta crise é, segundo Harvey (2007), resultado dos padrões de produzir/confeccionar ciência, dado pelas concepções modernas, não mais condizer com o novo arranjo técnico, científico e informacional que parte da sociedade-mundo vivencia. O discurso das ciências humanas por não acompanhar as transformações sociais tornou-se um simulacro, um discurso estranho ao conjunto da sociedade. Um dos elementos que produz a estranheza da interpretação frente o fenômeno social estudado é o fato de que os pesquisadores das ciências humanas tentam significar uma "realidade" que auto constrói/inventa sentidos para (sobre)viver (SANTOS, 1989).

Para amenizar o estranhamento causado entre a pesquisa e o pesquisado, destacamos o trabalho com as linguagens. É de importância valorar as formas/maneiras com que os indivíduos significam sua espacialidade, sendo que as suas significações/percepções/estranhamentos estão mimeticamente materializados nas mais diversas linguagens (pictórica, musical, literária, grafite, pixações etc.) que os indivíduos utilizam no ato da "comunicação". O objetivo de tal "empreitada" analítica

é evidenciar a construção do entendimento do real por meio da inter-relação entre o discurso literário e o discurso geográfico. Buscamos um diálogo entre ciência geográfica e literária, um dialogismo (BAKHTIN, 1988) que procure apreender, de cada forma de entendimento ou de expressão da realidade, elementos que possam ser profícuos na compreensão do real, lembrando que o "[...] interesse por uma relação dialógica reside na sua vontade de reconhecer o outro enquanto outro, isto é, na recusa de transformá-lo em objeto, de 'homologá-lo'" (BROSSEAU, 2007, pp. 81 – 82). Não se trata, como já evidenciado por Merleau-Ponty (2004) e Monteiro (2002), de negar o saber produzido pela ciência moderna, ao contrário, a busca do diálogo com o saber literário vem no intuito de enriquecer as elaborações teóricas das ciências humanas. No entanto, cabe destacar que o romance não pode adentrar no sentido de confirmar uma verdade arquitetada pela ciência humana, ou ser parafraseado para os anseios científicos, o pesquisador deve, segundo Brosseau (2007, p. 80), levar em consideração que:

*O recurso ao romance, no âmbito de uma reflexão geográfica sobre os lugares, inscreve-se em uma perspectiva precisa, que se apóia no reconhecimento do caráter distinto do modo de expressão romanesca. A especificidade desse modo de expressão em relação àquele das ciências humanas deve ser plenamente assumida, se buscamos compreender melhor aquilo que o romance pode nos ensinar de novo ou de diferente sobre a escritura dos lugares.*



O conhecimento geográfico pode ser enriquecido a partir da utilização da interpretação do real que os autores materializaram nas obras literárias<sup>1</sup>. Esta constatação não é recente, e sim data desde o início do século 20 (BROSSEAU, 2007). Brosseau (2007) argumenta que diversas perspectivas analíticas foram inventadas/(re)produzidas; entretantes, dentro da forma de fazer ciência moderna, na geografia institucionalizada no século 19, estes estudos foram secundarizados.

Segundo Marandola Jr. e Gratão (2010, p. 8), a relação dialógica entre geografia e literatura ganha maior destaque com os estudos humanistas e com as renovadas investidas dos estudos culturais da década de 1990. No Brasil, inúmeras são as referências de análise de obras literárias; destacamos: os estudos realizados por Monteiro (2002) e o livro organizado por Marandola Jr. e Gratão (2010). Merece destaque, também, a divulgação de tal temática através de defesas de dissertações e teses<sup>2</sup>, a promoção de eventos ou a inserção da temática em grupos de trabalhos<sup>3</sup>, e a publicação de

1 Lotman (1978), discutindo sobre "O problema do espaço artístico", auxilia a pensar a presente discussão quando assevera que: "Os modelos do mundo sociais, religiosos, políticos, morais, os mais variados, com a ajuda dos quais o homem, nas diferentes etapas da sua história espiritual, confere sentido à vida que o rodeia, encontram-se invariavelmente providos de características espaciais, quer sob a forma da oposição 'céu-terra' ou 'terra-reino subterrâneo' (estrutura vertical de três termos, ordenada segundo o eixo alto-baixo), quer sob a forma de uma certa hierarquia político-social com uma oposição marcada dos 'altos' aos 'baixos', noutra momento sob a forma de uma marca moral da oposição 'direita-esquerda' (as expressões: 'A nossa causa é justa', 'pôr qualquer coisa a esquerda')" (LOTMAN, 1978, p. 361).

2 Ver Sousa (2010).

3 No encontro da ANPEGE (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia) – ENANPEGE (2011), pela primeira vez houve um Grupo

artigos em revistas<sup>4</sup>.

Este apontamento inicial serve para arguirmos que há inúmeras possibilidades<sup>5</sup> de se trabalhar com a temática suscitada, não importando o gênero literário estudado, devido o diálogo se estabelecer entre o "texto" literário e o geógrafo/leitor, este enquanto operante dos conceitos "necessários" à "prosa". Acreditamos que a utilização da literatura nas análises geográficas permite leituras outras de entendimento do espaço, pois os geógrafos terão como orientação analítica as ideias e percepções de quem auto-significa a espacialidade vivida cotidianamente.

### O espaço literário: o ato de criar e recriar o espaço

Dentro da ciência geográfica é difícil encontrar um conceito pronto e acabado para dizer "Geografia é...". Esta dificuldade pode ser percebida em outras formas conceituais, uma vez que o conceito muito dependerá dos elementos que o autor/pesquisador concebe o seu objeto; Marisa Lajolo (1982) aponta para esta direção, a autora evidencia a imensa dificuldade de conceituar, pois toda a forma de constituir juízo dar-se-á pelas formas de entendimento do pesquisador. Diante disso, o presente texto não procura expressar uma verdade dada e pronta sobre o que é literatura, e sim intenta mostrar

de Trabalho que versou sobre a temática aqui apresentada, tendo 11 artigos apresentados.

4 Ver: Medeiros e Holanda (2008) e Olanda e Almeida (2008).

5 Como a que apresentamos.



como esta pode ser concebida e de que maneira é possível utilizá-la para se pensar a possibilidade de diálogo com a geografia. Enfim, como pontuado por Culler (1999), dar a devida atenção às obras literárias.

Gustavo Bernardo (1999), ao discutir o conceito de literatura, traz elementos interessantes para se pensar as possibilidades de entendimento da criação artística. O autor apresenta a figura de um centauro, desenhado pelo pintor espanhol Pablo Picasso (1881 - 1973). O desenho é feito com uma única linha – do começo ao fim sem interrupções ou quebras. No entanto, o que interessa é perceber, para além dos meios técnicos de confecção, o desenho em si, um centauro, figura inexistente e que só se tornou “possível” porque possui partes de coisas existentes (o cavalo e o homem):

*É o que faz o pintor, que escolheu, para além da técnica em si, como motivo, um ser que, sabemos, não existe, formado por dois seres que, acreditamos, existem: o cavalo e o homem. Sobre o corpo de um cavalo, emerge o torso de um homem. Este ser, o centauro, representa muito bem outra contradição: o artista, ao inventar, deve respeitar o limite da existência, recorrendo a formas e entes que de fato existem, para recombinar tais formas e entes de tal modo que crie o inexistente* (BERNARDO, 1999, p. 137).

O artista pratica um ato contínuo de (re)inventar; procurando, desta maneira, elaborar referenciais imagéticos ou simbólicos, figurativos ou não, que permitem, aos que entram em contato com a obra, dialogar com a mesma no exercício de produção de significados para a vida, ou seja, elaborar referenciais de orienta-

ção e localização do ser no mundo. O artista inventa um espaço para que se possa melhor ler o espaço concreto, contudo, esta capacidade criadora de um espaço inexistente se dá a partir do existente, o artista possui limites e só consegue transcender pontos a partir do seu entorno<sup>6</sup>, este inexistente se encontra passível de interpretação e significação no momento que o pesquisador o contextualizar e o dotar de referenciais analíticos (GADAMER, 1998, 2007). Desta maneira, o pesquisador irá se deparar com os “existentes” que constituem o texto, perscrutando das possíveis significações que o autor teceu acerca da sua realidade vivida.

O ato de conhecer humano é dado pela relação que se estabelece entre o sujeito que conhece e o objeto conhecido; porém, o objeto não é algo isolado do ato de produção/invenção de sentido(s) a vida, ele interfere neste processo. O mesmo ocorre com o sujeito promotor do conhecimento, ao entrar em contato com o objeto, ele não se coloca numa postura neutra e distante, uma vez que acaba projetando sobre o objeto o conjunto de valores, de ideias e de sentimentos que embasam suas percepções e processos de leitura do mundo, segundo Ferrara (2007, p. 7):

6 Moretti (2003), em seu livro *Atlas do romance europeu - 1800 - 1900*, contribui com a presente discussão no momento em que discute a influência espacial no ato de articular as tramas literárias, em suas palavras: “O espaço não é o ‘fora’ da narrativa, portanto, mas uma força interna, que o configura a partir de dentro [...] nos romances europeus modernos, o que ocorre depende muito de onde ocorre. Assim, quer saibamos ou não – fazemos tantas coisas, sem saber que as estamos fazendo, seguindo ‘o que ocorre’ produzimos um mapa mental dos muitos ‘ondas’ dos quais nosso mundo é feito” (MORETTI, 2003, p. 81).



*Toda representação é uma imagem, um simulacro do mundo a partir de um sistema de signos, ou seja, em última ou em primeira instância, toda representação é gesto que codifica o universo, daí se infere que o objeto mais presente e, ao mesmo tempo, mais exigente de todo processo de comunicação é o próprio universo, o próprio real. Dessa presença decorre sua exigência, porque este objeto não pode ser exaurido, visto que todo processo de comunicação é, se não imperfeito, certamente parcial.*

Desta feita, percebe-se que qualquer indivíduo acaba por criar a realidade enquanto a conhece, produzindo, assim, as suas subjetividades dadas pelas experiências estéticas daí resultante: “A afirmação da origem da realidade não está no real, mas na leitura que fazemos. A verdade histórica não tem uma existência empírica e independente de nós, os leitores; existe porque nós, os leitores, somos seus criadores” (ACHUGAR, 2006, p. 136).

Em decorrência de tal concepção, tanto a arte, de forma mais afetiva, quanto o estudo científico, de forma mais objetiva, produzem o conhecimento de mundo enquanto auxiliam na criação do mesmo. A arte de conhecer, tanto nas práticas artísticas quanto nas científicas, é resultante da relação estabelecida entre os envolvidos nos processos acima discutidos. Isto é o que Quintás (1993) denomina como interação criadora:

*A forma de conhecer mais perfeita não é a que realizamos com atitude incomprometida, objetivante, como um sujeito que se defronta com um objeto, mas a que realizamos através de encontro, respondendo à apelação que a realidade conhecida nos dirige. Por se tratar de um gênero de interação criadora, a ex-*

*periência estética, como todo tipo de jogo, se converte numa fonte de luz (QUINTÁS, 1993, p. 17).*

Deste jogo resulta uma fonte de luz – “inspiradora” –, que pode servir para que o indivíduo materialize suas impressões/conhecimentos do real através da linguagem<sup>7</sup>, como evidenciado por Marcondes (1992, p. 134):

*[...] temos uma interpretação da linguagem como um sistema simbólico permitindo a comunicação humana, e em última análise, a constituição do significado da experiência humana, enquanto social, cultura. Significado este que, por sua vez, não é nem subjetivo, individual, nem objetivo, autônomo, mas intersubjetivo, isto é, constituindo-se a partir da interação humana, do mundo da cultura.*

O ser humano acaba por se conhecer a partir destas interações, produzindo meios para se comunicar, de modo que estes meios são os mais variáveis possíveis. Tanto a linguagem artística como as mais diversas linguagens vistas no cotidiano podem ser instrumentos de comunicação; elemento comunicacional em que os “diferentes” produzem/inventam um conhecimento de mundo dado pelas formas discursivas que os mesmos constroem por intermédio de suas relações espaciais/temporais: “A linguagem deve, assim, ser considerada fundamentalmente como discurso, e não como um sistema de natureza formal” (MARCONDES, 1992, p. 135).

<sup>7</sup> Entrementes, gostaríamos de salientar que a linguagem possui seus limites, devido à mesma dificilmente conseguir expressar o todo do pensar humano, pois, como já citado acima com a Ferrara (2007, p. 7): “[...] todo processo de comunicação é, se não imperfeito, parcial”.



Aqui cabe discutir um conceito central para pensar a questão da produção de sentido que a literatura pode apresentar em relação ao mundo: a *mimesis* (AUERBACH, 1987); a arte de imitar/representar certa realidade por meio de técnicas que possibilitem tal feito. Bernardo (1999) já apresenta elementos importantes para se pensar à representação, segundo o supracitado, a arte de criar estará dada a partir de elementos que constituem o entorno de determinado autor, ou seja, as formas com que o pesquisador se depara com o seu objeto e o pensa.

Nesse sentido, Merleau-Ponty (1996, p. 393) muito corrobora para entender que “[...] o mundo nos obceca até no sono é sobre o mundo que sonhamos”. Esse pensamento de Merleau-Ponty vai ao encontro do que está sendo exposto, isto é, que só se consegue elaborar sentidos para o mundo porque estamos nele mergulhados, até em nosso devaneio mais ilógico estamos inseridos no contexto do mundo. É através do ato perceptivo que construímos e consolidamos nossa existência, somos um contínuo interagir do corpo enquanto carne e sentimentos, enquanto racionalização e desejos, enquanto intelecção e puro imaginário com o espaço que nos envolve fisicamente. Interagimos com os elementos espaciais presentes no ato de (sobre)viver, e estes ficam na nossa consciência possibilitando o encontro ou a construção da, segundo Merleau-Ponty (1996, p. 393), existência espacial:

A partir do momento que aceitarmos o contínuo interagir na construção espacial, um interagir dado pela existência e a base física espacial, adentrar-se-á num

ponto muito interessante que é o papel do autor, um indivíduo que cotidianamente passa por este processo de interação entre a sua existência com a espacialidade que ajuda construir. Neste momento, a *mimesis* adquire relevância enquanto processo que visa representar os elementos físicos/sociais do espaço e do tempo do literato<sup>8</sup>, mas o significado só se efetiva quando o imaginário de nossas experiências espaciais cotidianas se projeta sobre esse mundo e, assim, o coloca como realidade. Desta feita, perceber-se-á que as personagens se movimentam, possuem atitudes, questionam determinado fato, usam determinadas vestimentas etc. permitindo o revelar às facetas das formas perceptivas que o autor tenta exprimir através de um meio linguístico – no caso o literário.

Esse processo de criação de uma obra literária, a partir da perspectiva do literato como um ser humano que interage com o mundo, acaba por criar um “mundo(s)” em sua obra; finge uma espacialidade com o enredo narrativo, conquanto, este enredo só toma sentido de fato quando os elementos mimetizados na obra estabelecem contato com o leitor, ampliando, assim, o diálogo do homem com o mundo através da obra. As experiências espaço-temporais vivenciadas pelo leitor servirão de parâmetros para ele estabelecer significados às experiências narradas no romance, as quais reverberam no imaginário e elementos perceptivos e intelectuais do leitor, permitindo um transbordar des-

8 Deve-se considerar que o ato criador passa pelo campo do seu contexto histórico-espacial e do momento psicológico que o autor vivencia. Sobre o assunto, ver Amora (2006, pp. 114).



sa espacialidade fingida que se projeta no espaço da vida do ser leitor<sup>9</sup>. Aí se dá o aspecto mais rico desse dialogismo, a intersubjetividade (BRAIT, 2005, p. 29) exercitada pelos sujeitos por meio do espaço vivido do autor/leitor e do espaço fingido da obra que se imbricam no processo de criação do mundo enquanto espaço de experiências humanas, resignificadas no próprio ato de instaurar a vida.

A literatura é linguagem que pode ser entendida enquanto, como já mencionado, discurso, ou seja, forma mais convencional e institucionalizada de se comunicar. A linguagem literária, portanto, segue determinados padrões estéticos, acadêmicos e gramaticais que tomam determinadas formas e conteúdos a partir do contexto histórico, social, cultural, político, econômico, ideológico etc. que tanto o autor como o leitor se encontram.

Uma obra literária, portanto, por meio do contexto espacial-temporal em que foi elaborada, se estrutura numa determinada forma discursiva. Entrementes, conforme os mecanismos culturais dos vários grupos sociais, em sua diversidade espacial ou ao longo do tempo, as singularidades das ferramentas interpretati-

9 Culler (1999) assevera que: "Estudar algo como a literatura [...] é olhar sobretudo a organização de sua linguagem, não lê-la como a expressão da psique de seu autor ou como o reflexo da sociedade que a produziu" (CULLER, 1999, p. 33). Concordamos que a literatura deva ser analisada a partir da análise da linguagem (discurso), todavia, nos apropriando do pensar de Amora (2006) e Moretti (2003), acreditamos que devemos levar em consideração a *psique* e o contexto societário que a obra literária emergiu, pois, segundo Lotman (1978, p. 361): "Os modelos históricos e nacionais-linguísticos do espaço tornam-se a base organizadora da construção de uma 'imagem do mundo' – de um completo modelo ideológico, característico de um dado tipo de cultura".

vas podem permitir que o discurso literário, presente na gênese de uma determinada obra, transcenda seus limites originais e transborde para além dos referenciais institucionais e convencionais, produzindo ressignificações que adaptem a criação literária ao tempo e à espacialidade vivida pelos novos leitores.

Nesta direção, pode-se pensar a literatura enquanto narrativa. Segundo a concepção de Walter Benjamin (1993), o narrador seria o sujeito que busca evidenciar as experiências espaciais produzidas num tempo passado, atualizando-as significativamente para o espaço do agora. É de importância a consciência que o narrar tem um valor social, pois estas narrativas devem ser lidas e compreendidas no sentido do indivíduo que entra em contato com as mesmas conseguir abstrair elementos ou signos que melhor o oriente espacialmente no tempo-de-agora. Desta feita, faz-se importante o uso dos conceitos geográficos, pois estes permitiram que o sujeito/leitor se torne mais consciente espaço-temporalizado.

Acreditamos que, conscientemente espaço-temporalizado enquanto sujeito, perceberá a realidade vivenciada por ele presente mimeticamente nas obras literárias. Este sujeito mais consciente de sua espaço-temporalidade não é um sujeito em si – ser que pensa em si separado de sua extensão e do outro –; esse sujeito é o que se efetiva na relação, no dialogismo do ser com o/no mundo, estabelecendo o diálogo e deixando de ser um mero receptáculo, tanto no que toca à parte da aprendizagem dos conceitos ou referenciais trabalhados dentro da ciência geográfica como, também, no



que toca às suas vivências cotidianas e às suas leituras de obras literárias, produzindo um: “[...] sujeito da enunciação no espaço de seu discurso” (BRAIT, 2005, p. 67).

Nesta perspectiva dialógica, vale cogitar a utilização da geografia enquanto uma ciência que venha no sentido de auxiliar o indivíduo no processo de entendimento da sua relação de localização espacial, na sua relação com o Outro, capacitando-o para melhor interpretar as experiências que o ser humano produziu em outro espaço-temporalidade por meio da criação que as mesmas sofrem na narrativa literária, permitindo, desta forma, a produção de referenciais e sentidos polifônicos (BAKHTIN, 1988) que cobram as devidas interpretações para as experiências espaciais atualmente edificadas.

Compreender os conceitos de identificação do indivíduo com dada “porção” espacial através do diálogo com a linguagem literária pode se apresentar de forma profícua, pois permitirá que a concepção conceitual espacial e/ou territorial se aproxime das tramas articuladas durante o ato de viver. Isso produz sentidos outros para os estudos geográficos, possibilitando a construção de conceitos ricos de subjetividades. Assim, a busca da compreensão espacial pode ser vislumbrada por meio de lógicas organizacionais diferenciadas, em que daremos voz e razão às outras formas de expressão que procuraram relatar como o espaço foi se formando, apontando os elementos que parte da sociedade qualifica como de identificação social e territorial/espacial. Nas palavras de Bhabha (1998, p. 42): “Viver no mundo estranho, encontrar suas ambivalências e ambigüidades encenadas na casa da ficção, ou encontrar sua separação e di-

visão representadas na obra de arte, é também afirmar um profundo desejo de solidariedade social”. Ao inserir outras formas de expressão na compreensão espacial, conseguir-se-á perceber que o processo de identificação está em andamento, diante disso, o conceito de território/espaço/região etc. devem acompanhar o mesmo e não cristalizar a realidade social num específico momento temporal e espacial.

Santos (2008, p. 18), ao discutir o conceito de região, sob a perspectiva dos comparatistas, argui que:

*No plano da transversalidade, o ontem e o hoje se encontram, assim como o arcaico e o moderno mantêm-se na reconfiguração de uma dada região cultural. Por isso mesmo, torna-se relevante refletir sobre as produções regionais enquanto narrativas que são tessituras do local; apesar da fluidez da idéia de região e regionalismo, a investigação nesse campo tende à consolidação de uma série de escritores, obras e produções simbólicas de modo geral, que justificam o rótulo de uma literatura regional.*

Este espaço narrado pelo literato é arquitetado dentro de suas experiências espaciais. Diante disso, estudar a literatura é lidar com as próprias manifestações sociais que se desenvolvem durante o processo de identificação espacial em suas variegadas escalas.



### Para não concluir:

O atual momento acadêmico de busca do entendimento do ser com o/no mundo - justificado com que se passou a ser denominado como crise paradigmática<sup>10</sup> - cobra posturas novas do cientista/pesquisador perante a realidade que propõe conhecer. Neste sentido, com a tentativa de contribuir com a discussão referente ao modo de ser e fazer científico, aqui, chama-se a atenção para a valorização da literatura enquanto um instrumento que permita a compreensão do "real" a partir dos olhares com que o literato pensou e escreveu - (in)diretamente - "sua realidade". Esta postura contribui para a geografia aproximar seu discurso das contradições que os indivíduos vivenciam espacialmente, assim, o geógrafo, dentro do possível, significará a realidade por intermédio das formas que parcela da sociedade, representada pelo autor, procurou dar sentido à mesma.

O indivíduo, no ato de (re)produzir da vida, acaba por criar elementos de significação e localização expresso nas mais diferenciadas linguagens. Ao ter consciência deste fato, nos cabe apropriarmos destas "linguagens" e debatê-la com as ferramentas conceituais geográficas, buscando, com isso, interpretar a produção/invenção/criação do espaço em seus aspectos mais amplo, tendo a compreensão de que este processo ocorre devido a uma mescla de influências dos aspectos materiais e imateriais que o autor, junto com o restante

<sup>10</sup> Esta dada através da compreensão de que o modo de ser e fazer científico moderno, com suas bases alicerçadas no século 18, não mais consegue responder as perguntas que suscitamos sobre o espaço/tempo de outrora como de agora.

do grupo social que ele interagiu, presenciou em determinado momento histórico e espacial. Um discurso geográfico que relacione o seu cogitar com o pensar dos indivíduos que vivenciam cotidianamente os desafios, as angústias, as alegrias, as tristezas etc. do processo de interação com o *topos*.



## Referências Bibliográficas

- ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem bocas**: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: UFMG, 2006. 278 p.
- AMORA, Antônio Soares. **Introdução à teoria literária**. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. 160 p.
- AUERBACH, Erich. **Mimesis**. São Paulo: Perspectiva, 1987. 507 p.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética**. São Paulo: Hucitec, Ed. UNESP, 1988. 440 p.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: Ensaios sobre literatura e história da cultura (obras escolhidas). Trad. Sergio Paulo Rouanet. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. 243 p.
- BERNARDO, Gustavo. **O conceito de literatura**. In: José Luís Jobim (org.). Introdução aos termos literários. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p. 135 – 169.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998. 395 p.
- BRAIT, Beth (org). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2005. 365 p.
- BROSSEAU, Marc. **Geografia e literatura**. In: CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). Literatura, música e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p. 17 – 77.
- CULLER, Jonathan. **Teoria literária**: uma introdução. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999. 140 p.
- FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. **Leitura sem palavras**. São Paulo: Ática, 2007. 72 p.
- GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Trad. Paulo César Duque Estrada. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. 71 p.
- \_\_\_\_\_. **Hermenêutica em retrospectiva**. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007. 96 p.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 16. ed. Trad. Adail Ubi-rajara Sobral; Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2007. 349 p.
- LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. 98 p.
- LOTMAN, Iuri. **A estrutura do texto artístico**. Lisboa: Editorial Estampa, 1978, 464 p.
- MARANDOLA Jr. Eduardo. GRATÃO, Lúcia Helena Batista. (Orgs.). **Geografia e literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010. 354 p.
- MARCONDES, Danilo. **Filosofia, linguagem e comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1992. 140 p.
- MEDEIROS, Antonio Heleonarde Dantas de. HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcante de. **Geografia e literatura de Cordel**: trilhando práticas e possibilidades em sala de aula. In: Caminhos da Geografia. Uberlândia, V. 9, nº 28, p. 134 – 145 Uberlândia. 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/viewFile/10726/6363>. Acesso em: 31/10/2011.



- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas** – 1948; org. e notas de Stéphanie Ménasé e trad. de Fábio Landa e Eva Landa, revisão da tradução por Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 85 p.
- \_\_\_\_\_. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 662 p.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama**: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis Ed. da UFSC, 2002. 242 p.
- MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu 1800 – 1900**. Trad. Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2003. 216 p.
- OLANDA, Diva Aparecida Machado. ALMEIDA, Maria Geralda de. **A geografia e a literatura**: uma reflexão. In: Geosul. V. 23, nº 46, p. 7 – 32, 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/12490/11722>. Acesso no dia: 31/10/2011.
- QUINTÁS, Afonso López. **Estética**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989. 176 p.
- SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. **Fronteira do local**: roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense. Campo Grande-MS: UFMS, 2008. 136 p.
- SOUSA, Andréia Aparecida Moreira. **Geografia e literatura**: a representação de Goiânia em fragmentos de Viver é devagar de Brasigóis Felício. Goiânia: Kelps, 2010. 159 p.

